ENTRE A POLIDEZ E A IMPOLIDEZ LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE OS EFEITOS DE UMA CAMPANHA PUBLICITÁRIA NAS REDES SOCIAIS

Ana Joelma Martins Alves [1], Georgia Maria Feitosa e Paiva [2]

RESUMO

Considerando que o racismo é uma prática preconceituosa que se propaga por meio do discurso intolerante, no projeto de Iniciação Científica "(im)polidez linguística como exercício do racismo na rede social nas redes sociais" buscamos compreender como e de que forma esse discurso é constituído. Para tal, assumimos como hipótese que o racismo se manifesta por meio de estratégias de impolidez lingüística (CULPEPER, 1996), no entanto, observamos que ele também mobiliza estratégias nomeadamente polidas (BROWN; LEVINSON, 1987). Esta interseção entre as duas teorias, à priori, antagônicas, nos levou a realização desta pesquisa, cujo objetivo geral foi compreender como e de que forma as estratégias de polidez e impolidez linguística são utilizadas pelos falantes quando eles defendem posicionamentos racistas e antirracistas. Como metodologia de pesquisa, optamos por realizar uma análise exploratória e descritiva a partir de uma postagem realizada pela empresa Dove em outubro de 2017 e os vinte comentários mais populares relacionados a esta postagem. Observamos que por meio do uso da estratégia de polidez "desculpe-se", o conteúdo da mensagem postada pela empresa está associado a noção de branqueamento, conceito complexo que elucida formas de racismo. Tal associação carrega, em alguma medida, um aspecto ofensivo, o que suscitou mais de 400 comentários até a data da coleta de dados. No que di respeito aos comentários, os resultados confirmaram que os discursos de cunho racista e antirracista mobilizam estratégias de polidez para propagarem suas ideologias e alguns comentários que trouxeram conteúdos mais ofensivos, mobilizaram estratégias de impolidez.

Palavras-chave:

Polidez. Antirracismo. Impolidez. Discurso. Racismo.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IHL- instituto de humanidades e letras, Discente, e-mail: jm91008532@gmail.com
[2] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IHL-instituto de humanidades e letras, Docente, e-mail: georgiafeitosa@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Para este estudo adotaremos a noção de discurso como evento, ou seja, como um acontecimento que se manifesta em diversas instâncias, entre elas a linguística. De acordo com Fairclough (1992, p.22), "qualquer evento discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social". Sendo assim, quando enunciamos algo, estamos necessariamente imprimindo a nossa ideologia e a nossa experiência social.

Neste contexto, o que falar do discurso racista e antirracista? Serão eles tão diferentes? Como se manifestam? Será que mobilizam as mesmas estratégias? Para tentar responder a essas perguntas, buscamos nos amparar no estudo desenvolvido por Barros (2011, p.256) a respeito dos discursos intolerantes.

Os discursos intolerantes participam de várias esferas de ação ou mesmo de todas e tem composição e estilos também diferentes, só podendo ser classificados tematicamente, ou seja, pela organização do plano de conteúdo [...] Em outras palavras, no caso dos discursos intolerantes, há apenas a estabilização temática, pois há discursos intolerantes em diferentes esferas de atividade (política, religiosa, familiar), de gêneros diversos (notícias, sermões, bate-papo, etc.) e de tipos diferentes (narrativo, descritivo, etc.)

A autora afirma que o discurso intolerante se engendra em diferentes gêneros discursivos e se manifesta por meio de suas regularidades; ele não recria os gêneros, mas os adapta para propagar a intolerância. Segundo Barros, o primeiro estágio da intolerância é o preconceito, ele é a mola propulsora para tornar o sentimento em evento comunicativo. Segundo Alport (1979, p.7), o preconceito pode ser definido como“ uma atitude hostil ou repugnante para com uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque ela pertence a esse grupo, e portanto, presume-se que ela tenha as mesmas qualidades objetivas deste grupo”.

Deste modo, podemos situar o preconceito como algo inerente aos indivíduos, a sua composição cognitiva e conceitual; e a intolerância como uma atitude pela qual os sujeitos propagam por meio do discurso o seu demérito em relação a outros sujeitos, de outros grupos.

O discurso intolerante, segundo Barros (2011), é um discurso passional motivado por sentimentos e crenças que ultrapassam muitas vezes a noção entre o que é factual e o que é ilusão. Segundo a autora, os sujeitos intolerantes, muitas vezes, costumam organizar seu discurso de modo que se minimizem as marcas da intolerância, invocando efeitos de sentido como a “racionalidade”, por exemplo.

A autora menciona que o discurso intolerante tem aproximações muito claras com outros tipos de discursos, como o antirracista, pois ambos são “apaixonados”, e seus enunciadores, propagadores, fazem uso de estratégias similares para imprimir/impor suas crenças a respeito de algo que julgam ser melhor ou pior. Tal ponto de vista, pode parecer a priori controverso, no entanto, acreditamos que sujeitos racistas e antirracistas, apesar de ocuparem status diferenciados, e defenderem pontos de vista antagônicos, fazem uso das mesmas ferramentas para tornarem publicas suas crenças e são através da alternância da polidez (desejo de preservar o outro e/ou a interação) e da impolidez (desejo de ofender o outro) que celebram suas crenças nos eventos discursivos.

Os estudos sobre polidez linguística tiveram início na década de setenta com as investigações de Robin Lakoff sobre o princípio da polidez, poucos anos depois, mais precisamente em 1983, Leech publicou um capítulo em seu livro intitulado Pragmática dedicado somente a compreender como funcionaria a polidez linguística, e ao lado de outros princípios como a da ironia e camaradagem, todos, segundo o autor, operariam na contramão do princípio da cooperação de Grice (1965) e explicariam porque as pessoas preferem violar as máximas ao invés de aderirem a elas no ato do contrato de cooperação.

Naquela mesma época, Brown e Levinson embarcavam em um estudo etnográfico e lingüístico para observar se falantes de línguas diferentes utilizavam padrões recorrentes de polidez lingüística. O resultado desta investigação levou a criação da obra mais controversa dos estudos de polidez: Politeness- some universals in language usage, publicada em 1987 e sem tradução para o português. O relato de pesquisa dos lingüistas sugere que os sujeitos usam a polidez para manter o equilíbrio e a harmonia na interação e que conscientemente elegem estratégias para minimizar, amenizar ou reparar possíveis atos de ameaça a face.

Baseando-se em Goffman (1967), cientista social que compara o indivíduo a um ator, cuja comunicação, é um modo de encenação, no qual os sujeitos “dão a sua face” a perceber, Brown e Levinson (1987) propuseram um modelo de estudo da polidez linguística, balizado pela proposição e sustentação da face na interação. Para isso, os linguistas sugeriram que os sujeitos na interação contariam com duas faces, cada um. Uma face

positiva, caracterizada pelo desejo de compartilhar com o outro algo que o sujeito julgue relevante para aquela interação; e uma face negativa, o que corresponde àquilo que o sujeito não deseja compartilhar, demonstrar, e sim preservar da interação.

Com relação ao arcabouço de estratégias, pode-se dizer que elas foram identificadas a partir de um estudo sociolinguístico, no qual, ao estudarem três línguas, entre elas, o inglês, Brown e Levinson verificaram que os falantes, para serem polidos, fazem uso de quarenta e uma (41) estratégias de polidez que podem ser enunciadas de modo direto ou indireto para seus co-enunciadores.

Os autores sustentam que as estratégias de polidez positiva permitem que o locutor invista na relação com seu interlocutor, demonstrando cooperação, entendimento, simpatia e, ao mesmo tempo, promove a conversação, negociação. Deste modo, mesmo realizando um ato ameaçador de face ou reparando um, o locutor busca evidenciar a importância de manter o interlocutor presente/ativo na interação, e dependendo da estratégia, estabelecendo com ele algum nível de intimidade.

Já as estratégias de polidez negativa sinalizam que o locutor procura evidenciar o distanciamento entre ele e seu alocutário, ou seja, respeitando a sua intimidade, o seu espaço. Observa-se também que ele também procura se distanciar do ato ameaçador de face, especialmente, se ele põe em risco o investimento na relação.

Diante desse estudo, interpretações desta obra indicam que a impolidez seria um “desvio” na linguagem (CULPEPER, 2011), algo que falantes e seus interlocutores deveriam evitar a qualquer custo, pois poderia comprometer a harmonia da interação, e somente, décadas depois estudiosos como Watts (2005) e Locher (2006) propuseram um reexame do caráter polido e impolido na linguagem tendo em vista que a harmonia nem sempre é a característica mais central da diversidade tipológica das interações sociais.

Antes deles, em 1996, Culpeper publicou um artigo no renomado jornal da Pragmática enfatizando que tal como a polidez lingüística, a impolidez lingüística tem caráter intencional e estratégico. O autor propõe uma gama de estratégias de impolidez, cujo objetivo é atacar a face do interlocutor.

METODOLOGIA

Este estudo partiu de uma pesquisa bibliográfica sobre as interseções entre a impolidez, a polidez linguística, o racismo e o antirracismo. Em um segundo momento, nos dedicamos a realizar um uma análise descritiva e exploratória (Traviños, 1971) da postagem realizada no dia 12 de outubro de 2017 no site de rede social facebook.

Para esta análise consideramos além da própria postagem da Dove, os vinte primeiros comentários dos usuários da rede social. Considerando cada comentário como um evento comunicativo e portanto discursivo, através deles buscamos analisar como os sujeitos usam as estratégias de polidez e impolidez para apresentarem seus posicionamentos ora racistas ora antirracistas, em defesa ou contra a marca de cosméticos. Este tipo de técnica de pesquisa nos permitiu conhecer os aspectos lingüísticos necessários para que pudéssemos atingir o nosso objetivo de pesquisa.

Considerando as contribuições mais recentes de Culpeper (2011) a respeito do contexto, nossa análise também buscou reunir conhecimentos sobre a empresa Dove e suas ações de comunicação, com a intenção de observarmos se a empresa já traz alguma imagem associada a práticas racistas ou preconceituosas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em outubro do ano de 2017, a marca de sabonetes Dove publicou na rede social facebook dos Estados Unidos um anúncio publicitário do tipo slideshow, integrado por uma narrativa de três mulheres,uma negra, uma branca, e uma asiática, que, nesta sequência tiram suas blusas respectivamente, uma por vez, como nos mostra a Figura 1.

Segundo a marca de produtos cosméticos, a ideia central do anúncio era demonstrar que o produto lançado estava apto para ser utilizado por pessoas de diferentes raças e etnias. Apesar da intenção democrática assumida pela empresa, a Dove necessitou produzir uma ação de comunicação de reparação, bem conhecida

de personalidades públicas e empresas quando lidam com situações de risco.
A agência responsável optou por realizar uma resposta composta apenas de texto e veiculada não somente na rede social americana como também brasileira, tendo em vista reação negativa que os brasileiros tiveram ao ver o anúncio. Este tipo de resposta, segundo os estudos lingüísticos da polidez, retratam o que chamamos de uma ação reparadora (publicação explicativa) para que fosse mostrada uma imagem positiva da empresa em relação ao seu público consumidor.
Neste artigo, dividimos nossa análise em três instâncias, a primeira discutirá sobre o contexto ideológico e social mobilizado pelos seguidores da marca; a segunda trará uma análise linguística da mensagem da empresa, e a terceira uma análise linguística dos comentários (reações) a esta mensagem.
Tal divisão nos permitiu observar como a empresa e seus seguidores coordenam estratégias de polidez e impolidez linguística para defender práticas racistas e antirracistas no site de redes sociais.
4.1. Esfera contextual: a ideologia do branqueamento no vídeo
O ato de branquear, esclarecer algo que é ou está em estado reverso, reconfigura-se em uma escala degradê do preto ao branco,e é neste sentido que o branqueamento vem existindo como forma de elemento categorizador social responsável pela "divisão interna entre os não-brancos". (HASENBALG, 1979, apud SANTOS, N.N.S., pág. 175)
Segundo Hasenbalg (1979), a ideologia do branqueamento suscitou a valorização da estética branca, e consequentemente o esvaziamento de sentido de um orgulho negro. Esses fatores colaboram para essa segregação e a demarcação entre o que pertence ou não pertence a ideologia negra e a ideologia branca.
O branqueamento torna-se uma ideologia que vem sendo usada como termo em diferentes campos, entre eles nos estudos sociais, estes cumprem o papel de analisar a posição que assumem os indivíduos não-brancos; mestiços, mulatos, pardos, dentre outras classificações especificas no meio social, que acabam por propagar e defender, causas que não condizem com sua cor, e além disso se instalam em um campo que vai contra a vertente a qual moralmente "deveriam" pertencer.
Diante disso, sob a perspectiva do branqueamento, o negro vai de encontro ao branco, mas o branco continua em seu estado estável em seu status de poder e sua legitimidade não é questionada. Isso nos faz lembrar a perspectiva eurocêntrica comum que é abordada em diferentes questões sociais; a busca constante pela permanência em padrões estéticos e a fácil associação do comércio tendo como modelo um aspecto europeu realça o centro mitológico e utópico em que muito se é espelho para nosso país, Brasil. Se todos temos as mesmas características que fazem que sejamos todos enquadrados no conceito de seres humanos por quais meios e quais provas a quantidade de melanina na pele pode designar a inferioridade de uma raça em relação a outra?
Tentar encontrar um motivo para escolher ser branco não é tão complexo,pois em um lugar onde se é apreciado e digno de privilégios nascer com uma pele clara, é natural que se queira aproximar ao máximo desta categoria, e para isso os sujeitos são capazes de se transformar, na medida em que a medicina estética é capaz de realizar mudanças a ponto de proporcionar aos sujeitos possibilidades distintas de transformar parcialmente a sua raça.
Entretanto, branquear-se não só implica na transferência de um corpo em seu estado natural retinto a uma outra tonalidade, é muito mais; é, ao buscar a aproximação da cor branca, estabelecer uma ambivalência de sentido e estado psíquico que ora se manifesta negro e ora tenta executá-lo em prol de uma outra identidade, um não eu.
É notório que a forma que organizamos para nos identificar em sociedade, torna as fronteiras do campo físico e determina o deslocamento possível para nossas respectivas categorias e todo esse processo é feito psiquicamente através de associações que nos possibilitam identificar algo por suas subjetividades comuns até mesmo a outros objetos, estes podendo até não serem identificados instantaneamente por não possuírem antecedentes possíveis de sentido.
Um morador de rua logo quando identificado é colocado em um papel de infra-humano, quando sentimos pena ou fazemos suposições das causas que o levaram a morar na rua logo fazemos hipótese que sejam doentes ou incapazes, instantaneamente nos posicionamos em um cômodo superiores a estes, desta mesma forma acontecem as suposições destinadas a pessoas retintas.
Muito se tem discutido a atuação do negro em sociedade, como se movimenta, até onde pode chegar, e o que

pode expressar nas redes sociais para que não seja “mal interpretado”. Todos os limites impostos e todos as teorias formadas para definir uma categoria e uma classe que deve ser aceita e seguida pelo negro, passa a reafirmar a presença do colonizador, que mesmo nos dias atuais em que se é tão banalizada a ideia de uma diferença racial, é tão cultuada a frase “somos todos iguais”.

As mídias são responsáveis por alimentar e propagar o conteúdo simbólico imprescindível para a criação e manutenção de estereótipos, neste cambio semiótico somos capazes de apreciar os nossos semelhantes ou até mesmo aqueles que julgamos ser melhores do que nós e de banalizar ou ridicularizar, aqueles que julgamos ser inferiores.

A publicidade faz uso de um arcabouço histórico e cultural importante para sustentar as suas formas de vender a beleza, a felicidade, o sucesso, por exemplo, e é nesse contexto que vemos pouco a pouco a inserção limitada de personagens negros, embora a distribuição populacional no Brasil se mantenha majoritariamente em uma parcela de 46,7% alto declarados pardos, enquanto em sentido oposto caminha ainda um grupo pequeno de indivíduos que declaram-se negros, tendo como dado 8,2 %. O que não pode deixar de ser pontuado é que o número de brancos presentes nas pesquisas vem caindo ao passo que a parcela de auto declarados negros e pardos está aumentando gradualmente, isso segundo dados dos anos de 2012 e 2016 do instituto brasileiro de geografia e estatística - IBGE.

Essa maioria, que deveria ser protagonista afirma-se pela sua ausência. A atuação do negro no cenário publicitário e cultural midiático é limitada a poucos nomes, o que leva muitos negros a buscarem lutar por causas antirracistas como modo de minimizar os efeitos históricos da invisibilidade de seus representantes e demarcar o seu espaço, político, social e discursivo.

CONCLUSÕES

Os comentários que foram associados as estratégias de polidez positiva, nos dão um embasamento geral do discurso utilizado por muitos nas interações, pelos quais os indivíduos preferem se depreciar ao invadir o espaço do outro e lhes causar desequilíbrio, portanto ao expressar suas críticas na postagem polêmica da nova companha Dove, alguns dos interlocutores decidiram por amenizar a sua forma de discurso, muitos demonstrando empatia com a empresa e se colocando a favor de seus produtos mesmo que de certa forma cheguem a utilizar de brincadeiras para minimizar a recepção do conteúdo.

A Dove, por sua vez, insiste em sua representação e faz-se interpretar sempre em posição polida a seus clientes, evitando discordar e em busca de estratégias de reparação de seu “erro”. Entretanto, no decorrer dos comentários pode-se observar a comunicação entre os locutores, que de acordo com suas opiniões suas estratégias e a forma pela qual escolhem atuar seja estas, polidas ou impolidas se modifica, e é nesse intervalo que pode-se notar o efeito diverso que uma publicação polida com intuito de reverter a impressão causada traz muitas vezes, e como nesta, chega atingir o nível de impolidez negativa onde alguns através do seu discurso transfere sentimentos de desprezo para com outro em uma interação que por via dos meios por está explicitada em uma rede social dever-se-ia ser local de liberdade de expressão e não de intolerância.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao comitê de pesquisa PIBIC/UNILAB por nos proporcionar os devidos meios favoráveis de pesquisa e divulgação.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, Gordon W. The nature of prejudice. New York: Basic books, 1979.

BARROS, D.L.P, de. A construção discursiva dos discursos intolerantes.In: BARROS, D.L.P, de.(ORG).

Preconceito e intolerância: reflexões lingüístico discursivas.São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011, pp.255-270.
BROWN, P. Y LEVINSON, S. (1987 [1978]). Politeness: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press.

CULPEPER, J. (1996). Towards an anatomy of impoliteness. Journal of Pragmatics, 25(3), pp. 349-367. http://dx.doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3

CULPEPER, J. y Kytö, M. (2000). Data in historical pragmatics: Spoken interaction (re)cast aswriting. Journal of Historical Pragmatics, 1, pp. 175-199.
http://dx.doi.org/10.1075/jhp.1.2.03cul
CARDOSO, Lourenço. O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. 290 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciencias e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: .
Fairclough, N. (2005). Discurso e Mudança Social. Brasília: Unb.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.notícias. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores.html Acesso em: 22 de março de 2018
GOFFMAN, E. (1953). Communication conduct in an island community. Department of Sociology,Chicago, Illinois (Unpublished PhD).
_____. (1961). Encounters: Two Studies in the Sociology of Interaction. Indianapolis: Bobbs-Merrill.
_____. (1967[1955]). On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction.Psychiatry: Journal for the Study of Interpersonal Processes, 18(3), pp. 213-231.
_____. (1970[1967]). Ritual de la interacción (traducción de F. Maziá). Buenos Aires: Ed.Tiempo Contemporáneo.
Grice, H. P. (1975). Logic and Conversation. En Cole, P. y Morgan, J. L. (eds.) Syntax and
Semantics 3: Speech Acts (pp. 41- 58). New York: Academic Press.
Lima, Marcus Eugênio; Vala, Jorge. A COR DO SUCESSO: EFEITOS DA PERFORMANCE SOCIAL E ECONÔMICA NO BRANQUEAMENTO E NA INFRA-HUMANIZAÇÃO DOS NEGROS NO BRASIL. Psicologia USP, vol. 16, núm. 3, -septiembre, 2005, pp. 158-165 Instituto de Psicologia São Paulo, Brasil
Leech, G. M. (1983). Principles of Pragmatics. London: Longman.
Leech, G. M. (2005). Politeness: is there an east-west divide?. Journal of Foreign Languages.General Serial, n. 160. 6, Disponível em: http://www.lancs.ac.uk/fass/doc_library/linguistics/leechg/leech_2007_politeness .pdf (16 de febrero de 2013).